

A Pedagogia Libertária e a Educação Integral

Angela Maria Souza Martins
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO
NEB/Grupo do HISTEDBR – UNIRIO

Introdução

Nos últimos quatro anos, nosso grupo de pesquisa investiga a educação anarquista e a pedagogia libertária, fazemos uma reflexão constante e sistemática sobre vários aspectos desta concepção pedagógica, com o intuito de aprofundar a compreensão de novos valores educacionais e modelos pedagógicos. Neste trabalho apresentamos uma reflexão sobre as contribuições da Pedagogia Libertária para a Educação Integral. Consideramos que três autores são fundamentais para pensar a Educação Integral no interior da Pedagogia Libertária: Bakunin, Paul Robin e Ferrer y Guardia. A defesa da Educação Integral esteve presente nas propostas do movimento operário de inspiração anarquista, principalmente no final do século XIX e início do século XX. O movimento operário buscava, por meio da educação, transformar a consciência dos trabalhadores e de seus filhos para realizar a revolução sócio-cultural. Os trabalhadores que seguiam a concepção anarquista lutaram por uma educação que unisse trabalho manual e intelectual, de modo a formar o homem em seus diferentes aspectos: intelectual, moral, político e artístico. Consideravam que era necessário formar homens completos, ou seja, que tivessem todas as suas faculdades plenamente desenvolvidas, porque somente assim estariam preparados para enfrentar a dominação e a exploração. Os militantes anarquistas acreditavam que a educação era um “meio poderoso para propagar e infiltrar nos espíritos as idéias generosas e (...) a alavanca que erguer(ia) o mundo e destruir(ia) para sempre o erro, a mentira e a injustiça” (SAFÓN, 2003, p.52). Esta compreensão do papel da educação justifica-se porque o anarquismo é uma ideologia política que tem como objetivo principal a mudança de valores para consolidar uma revolução social que acabe com a exploração do homem pelo homem. Defendiam que a mudança de valores por meio da educação é um mecanismo para desencadear a transformação da consciência humana. Por defenderem este tipo de estratégia política, foram considerados utópicos.

A Educação Integral segundo Bakunin

Bakunin tinha com meta a revolução social, por isso afirmava que:

“O mundo inteiro entendeu que a liberdade não passa de uma mentira, quando a grande maioria da população está condenada a viver na pobreza e quando, privada de educação, lazer e pão, seu destino é servir de degrau para os ricos e poderosos. Assim, a revolução social surge como uma conseqüência natural e necessária da revolução política” (Bakunin apud Woodcock, 2002, p. 173).

Ele acreditava que a revolução social deveria destruir a sociedade existente e instaurar o reino da liberdade, para tal era necessário mudar estruturalmente as bases da sociedade capitalista. Bakunin lutou pela destruição do Estado e afirmou que o controle dos meios de produção deveria estar nas mãos dos trabalhadores. Preconizava que o Estado deveria ser abolido tão logo isso fosse possível, mesmo que esta ação pudesse causar um caos temporário, a destruição do Estado seria menos perigosa do que os males causados por este. É preciso esclarecer que a proposta de Bakunin não era provocar a desordem e tão pouco disseminar a violência. Ele acreditava que somente a destruição do Estado levaria a construção de uma sociedade igualitária e livre. A construção deste novo tipo de sociedade passava por um novo projeto revolucionário amplo, do qual participava a educação.

Bakunin acreditava que a emancipação das massas operárias estava diretamente vinculada a uma educação diferente daquela estabelecida pelo modo de produção capitalista. A educação era considerada fundamental para a emancipação dos trabalhadores. Por isso defendeu a educação integral, de modo que os trabalhadores tivessem acesso ao conhecimento produzido pelo desenvolvimento científico. Destacava que os progressos feitos pela ciência sempre atenderam as classes privilegiadas e ao poder de Estado. A educação integral deveria ser um dos caminhos para conquistar a igualdade entre os homens, pois todos precisavam ter acesso ao conhecimento acumulado pela ciência.

Havia um grande progresso científico no século XIX, mas os resultados deste progresso não eram socializados, pois apenas uma elite tinha acesso a esses conhecimentos. A ciência tornou-se um poder para o Estado. Essa lógica precisava ser mudada no interior das escolas e os progressos científicos deveriam ser acessíveis a todos. Era preciso romper com a educação desigual e a ciência deveria ser vista com um bem de todos.

Bakunin discutiu a questão da dualidade educacional, ou seja, a existência de um tipo de instrução para as classes privilegiadas e outra para o proletariado, por isso passou a lutar pela educação integral para todos, pois acreditava que este tipo de educação seria um dos caminhos para conquistar a igualdade entre os homens. Segundo este pensador não deveria existir uma classe social que sobrepujasse outra em termos de conhecimento.

Primeiro era necessário a abolição das classes e depois a implementação de um tipo de educação que possibilitasse a verdadeira igualdade. De acordo com Bakunin (2003), os progressos da ciência e os avanços na indústria e no comércio não foram socializados entre as diferentes classes sociais, ao contrário, os bens intelectuais e materiais foram apropriados por alguns privilegiados. Por isso, reivindicava que todos os avanços intelectuais e materiais deveriam ser bens comuns. Todos os trabalhadores deveriam desenvolver simultaneamente o trabalho manual e intelectual, porque segundo Bakunin:

no homem vivo e completo, cada uma dessas duas atividades, muscular e nervosa, deve ser desenvolvida por igual, e que, longe de se prejudicarem mutuamente, cada uma deve apoiar, ampliar e reforçar a outra: a ciência do sábio se tornará mais fecunda, mais útil e mais ampla quando o sábio não mais ignorar o trabalho braçal, e o trabalho do operário instruído será mais inteligente e por conseguinte mais produtivo do que o operário ignorante (Bakunin, In: Moryon, 1989,p.39)

Para Bakunin somente uma educação plena, ou seja, integral poderia possibilitar a construção de um novo tipo de sociedade. Considerava necessário diminuir o abismo entre a educação fornecida ao operariado e aquela desfrutada pelos privilegiados. A educação integral deveria possibilitar o acesso ao conhecimento científico porque

Até agora os burgueses caminharam mais depressa no caminho da civilização do que os proletariados, não porque sua inteligência fosse maior do que destes últimos – hoje se poderia dizer com razão ao contrário – mas porque a organização econômica e política da sociedade foi tal que a ciência não existiu senão para eles e que o proletariado se viu condenado a uma ignorância forçada ... (Bakunin, In: Moryon, 1989,p.38)

Assim, os proletários e seus filhos não tiveram acesso ao conhecimento científico, o que aprofunda o caráter excludente da educação. Por isso, era imprescindível a existência de uma educação integral que possibilitasse o acesso ao mesmo tipo de conhecimento a todos os membros da sociedade. Mas qual seriam os princípios que regeriam a educação integral e possibilitariam a sua implementação?

Primeiro seria necessária a construção de uma sociedade, onde se pudesse exercitar a plena igualdade, ou seja, a igualdade é o ponto de partida desta nova organização social. Nesta sociedade, devem desaparecer os privilégios econômicos e políticos e, conseqüentemente as classes sociais deverão ser abolidas. Também serão necessários o

desaparecimento da propriedade individual e o direito de herança, pois somente assim triunfará a igualdade. Nesta sociedade todas as crianças e jovens terão uma educação absolutamente igual.

Na sociedade igualitária aparecerá, então, a diversidade das pessoas. O conjunto de pessoas diferentes formará uma organização social, onde uns complementam os outros, formando a verdadeira solidariedade. Nestas condições a educação poderá respeitar a diversidade das pessoas, preparando-as de acordo com as suas inclinações.

Outro aspecto fundamental é a construção da liberdade, ou seja, precisamos organizar a sociedade de modo que todos desfrutem da maior liberdade possível. Essa liberdade deve levar em consideração a independência da vontade, porém o respeito ao outro deve estar presente. Assim na educação integral deve-se ao educar a criança tomar como ponto de partida a autoridade para chegar a liberdade. De acordo com Bakunin, o homem não é livre frente às leis naturais e sociais. Assim como devemos distinguir as leis naturais das leis autoritárias. Por isso,

o princípio de autoridade na educação das crianças constitui o ponto de partida natural: é legítimo, necessário, quando é aplicado às crianças na primeira infância, quando sua inteligência não se desenvolveu abertamente... Mas como o desenvolvimento de todas as coisas, e por consequência da educação, implica a negação sucessiva do ponto de partida, este princípio deve enfraquecer-se à medida que avançam a educação e a instrução, para dar lugar à liberdade ascendente... Toda educação racional nada mais é, no fundo, que a imolação progressiva da autoridade em proveito da liberdade, onde esta educação tem como objetivo final formar homens livres, cheios de respeito e de amor pela liberdade alheia. Assim o primeiro dia da vida escolar (...) deve ser o de maior autoridade e de uma ausência quase total de liberdade; mas seu último dia deve ser o de maior liberdade e de abolição absoluta de qualquer vestígio do princípio animal ou divino de autoridade (Bakunin, 2003, p. 47)

Bakunin (1989) afirma que para moralizar e educar o homem é necessário moralizar o meio social, por isso não acredita no livre arbítrio, pois os ditos vícios e virtudes dos homens são “produto da ação combinada da natureza e da sociedade” (Bakunin, 1989, p.46). O homem é um ser determinado socialmente. Sendo assim, a liberdade não é dada a priori, ela deve ser construída socialmente, a partir de um processo educacional. Para Bakunin, a liberdade expressa o pleno desenvolvimento das faculdades existentes no homem e não a independência absoluta da vontade de cada um.

Outro aspecto desenvolvido na educação integral é a racionalidade científica. A educação integral deve compreender o estudo científico ou teórico e o estudo industrial ou prático. Este ensino industrial ou prático deveria ser composto de duas partes: a parte geral e a parte específica. Na primeira os estudantes teriam acesso “a idéia geral e o primeiro conhecimento prático de todas as indústrias, sem exceção de nenhuma, assim com a idéia

de conjunto que constitui a civilização material, a totalidade do trabalho humano” (Bakunin, In: Moryon, 1989, p.44) e na segunda eles entrariam em contato com as especificidades dessas indústrias ou práticas.

Para finalizar, outro aspecto essencial para a educação integral era a educação moral. A educação moral não poderia prescindir dos princípios de solidariedade, liberdade e igualdade como também de tratar o trabalho como a “condição suprema da felicidade humana e da humana dignidade” (Bakunin, In: Moriyón, 1989, p.45). A moral humana preconizada por Bakunin atribui direitos apenas aqueles que trabalham, porque somente pelo trabalho o homem torna-se homem.

Assim, o processo de formação integral do homem, de acordo com Bakunin, precisava de três coisas: um nascimento saudável e higiênico; uma educação racional e integral, fundamentada no respeito, na igualdade e na liberdade e um meio social igualitário e livre.

Paul Robin e a Educação Integral

Paul Robin defendeu a implantação de uma educação integral para construir um novo tipo de sociedade e possibilitar à formação plena do homem, dando-lhe acesso a totalidade dos conhecimentos humanos. Segundo ele, os homens constroem sua visão de mundo a partir do que aprenderam. Sua concepção pedagógica pode ser colocada em prática, a partir de sua experiência no Orfanato Prévost, em Cempuis, na França, entre 1880 e 1894. Neste orfanato praticou a educação integral e efetivou a co-educação de sexos, ou seja, de modo pioneiro colocou no mesmo espaço pedagógico meninos e meninas.

O projeto pedagógico Paul Robin foi muito criticado pelos conservadores, ele defendia a escola laica e racionalista. Além disso, recebeu influência da teoria de Malthus e do Positivismo. Devido as influências presentes em seu pensamento, alguns anarquistas discordavam de suas idéias, como por exemplo Kropotkin.

Para Robin, a educação integral deveria desenvolver no homem as capacidades: física, intelectual e moral. Pensou a educação integral, assim como Bakunin, a partir das desigualdades entre os homens. Considerou que a educação que vigorava na sociedade desigual era imoral e anti-racional, na verdade era uma anti-educação.

Para Robin, a concepção de educação integral:

nasceu do sentimento profundo de igualdade e do direito que cada homem tem, quaisquer que sejam as circunstâncias do seu nascimento, de desenvolver, da forma mais completa possível, todas as faculdades físicas e intelectuais (Robin, In: Moriyón, 1989, p.88)

A educação deveria ser: racional, universal e integral. Uma educação que possibilitasse um desenvolvimento harmônico e completo, em termos de saúde, alimentação, que desenvolvesse um equilíbrio entre ação e repouso, ou seja, que soubesse dividir as horas entre o trabalho intelectual, o físico e o horário do repouso.

As aulas deveriam ser realizadas não somente em espaços fechados, mas também junto a natureza. A educação integral deveria ser: “um conjunto completo, encadeado, sintético, paralelamente progressivo de todos tipos de conhecimento e a partir da mais tenra idade” (Robin, 1981, p.47).

No processo de desenvolvimento da educação integral havia uma preocupação acentuada com a saúde e a higiene. Robin prescrevia que a criança deveria ter um vestuário de acordo com regras higiênicas, ser asseada, tomar banhos freqüentes e fazer constantes medições antropométricas para que se acompanhasse seu desenvolvimento físico.

Defendia a educação orgânica, ou seja, de modo que fossem desenvolvidas a precisão e a delicadeza dos sentidos, na verdade a educação orgânica era uma educação dos sentidos, o que possibilitaria uma educação para a prática da observação e da habilidade manual. Este tipo de prática educacional trabalharia com a arte e os trabalhos manuais.

Outro aspecto da educação integral seria a educação intelectual, que deveria desenvolver com equilíbrio todas as faculdades como: assimilação, produção, observação, julgamento, memorização e imaginação.

A educação integral também deveria desenvolver a educação moral, que deve estar pautada na justiça e nas relações sociais. Para tal é necessário que a criança tenha “uma existência normal num meio normal” (Robin, 1981, p.51). Para tal era preciso que a criança vivesse num meio social onde houvesse: “a exclusão de idéias falsas, desmoralizantes, julgamentos falsos, impressões espantosas” (Robin, 1981, p.52). Deve viver sempre num ambiente fraternal. A vida deveria ser simples, equilibrada entre trabalho e jogos, liberdade e responsabilidade.

Robin sistematizou uma seqüência de etapas para que se desenvolvesse a educação integral, na primeira fase dever-se-ia priorizar a espontaneidade, por isso o conhecimento era construído de modo livre e casual. Quando a criança ou jovem acumulava uma

quantidade significativa de conhecimentos, então o educador auxiliava na organização e sistematização desses conhecimentos. Ele trabalhava com a curiosidade natural da criança, estimulando-a.

Segundo Robin, as crianças adquiriam as primeiras noções dos fenômenos externos por meio dos sentidos, por isso a educação racional deveria começar por eles. Utilizava jogos para que as crianças percebessem as sensações e as diferenças entre as sensações distintas, assim como utilizava vários instrumentos para ampliar as percepções, tais como: microscópio, lupa, termômetro, entre outros.

Outro aspecto fundamental para a educação integral proposta por Robin era a educação literária, que deveria ser desenvolvida por meio de quatro caminhos: ouvir, ler, falar e escrever, estas etapas estavam intimamente vinculadas.

Robin também fez uma proposta para a educação infantil, trabalhava com a individualidade da criança, ou seja, priorizou o ser em si, porque, segundo ele, deve-se trabalhar com a espontaneidade da criança, inclusive forneceu uma justificativa econômica, pois considerava a criança apenas um consumidor, quando ela se tornasse um produtor, então a educação deveria passar a privilegiar a coletividade.

Questionou o ensino verbalista, baseado na memorização, como constatamos na citação a seguir:

os professores dão aulas, os alunos escutam mais ou menos e retêm o que conseguem; às vezes têm que escrever o que foi dito, copiar suas notas sem entendê-las; nunca lhes dizem: leiam este livro, assimilem as idéias contem-no oralmente. O mal vai mais além ainda; tem-se que retroceder para encontrar a origem, até o próprio ensino das primeiras noções de leitura (Robin, In: Moriyón, 1989, p.103).

Robin preocupou-se com os danos causados pelo ensino religioso, por isso a educação integral deveria unir razão e ciência, fontes que conduziriam à verdade. Não se podia admitir outro caminho, senão o trilhado pela educação racional e laica. Ele acreditava no poder explicativo da ciência, por isso os homens deveriam sempre se guiar pelos conhecimentos científicos, inclusive propôs a divulgação sem fronteiras do conhecimento científico, porque acreditava que somente uma ordem social fundada na ciência poderia atingir a justiça.

A implantação de uma educação integral, pautada na ciência, no respeito e na solidariedade abriria caminho para construir um novo tipo de homem e sociedade. De acordo com Robin, os homens constroem sua visão de mundo a partir do que aprenderam.

Para este autor, o homem deve ser visto como um ser em si mesmo, independente, completo por si só, que tem o direito de desenvolver todas as suas faculdades e também como membro de uma coletividade que precisa contribuir com seu trabalho para todos.

Podemos considerar que Robin é um intelectual que é a expressão de seu tempo, incorpora quatro características: a crença no racionalismo científico, a possibilidade de regeneração da espécie humana, a visão internacionalista e a existência de uma sociedade igualitária. Ele influenciou vários educadores, entre eles Ferrer y Guardia. Podemos dizer que seu projeto de educação integral procura lutar contra a discriminação e a desigualdade com as armas do século XIX, ou seja, o racionalismo científico e a esperança na regeneração humana. Mas não podemos deixar de assinalar que entre os séculos XIX e XX, Robin foi alvo de uma grande polêmica, porque ele seguia algumas teses do malthusianismo. Defendeu o controle da natalidade da mulher proletária, para impedir que ela colocasse na sociedade seres que seriam os futuros trabalhadores, soldados e prostitutas para a burguesia. Por isso trata do tema da regeneração, a partir das teses malthusianas e propalou a liberdade da mulher proletária em escolher se queria ou não ser mãe.

Ferrer y Guardia e a Educação Integral

Ferrer y Guardia foi influenciado pelo pensamento de Robin e Bakunin, por isso defendia a transformação das escolas tradicionais e o uso de uma pedagogia que levasse à formação de sujeitos autônomos, críticos e solidários. Ele percebeu a importância de um novo tipo de educação ao constatar que a formação fornecida pela família e pela escola era cheia de preconceitos, de tradições e dogmatismos, o que fazia com que os indivíduos ingressassem na sociedade deformado e degenerado. Por isso, implanta a Escola Moderna, na Espanha, para que ela superasse as limitações e o dogmatismo, buscando fundamentar o conteúdo curricular no ensino racional, ou seja, no conhecimento científico.

A Escola Moderna foi inaugurada em 8 de setembro de 1901, em Barcelona, na Rua Bailén, com trinta alunos, 12 meninas e 18 meninos, uma escola que baseava-se na educação racional e integral. A Escola depois ampliou-se e, em 1903, passou a ter 114 alunos.

Para conduzir a escola foi constituída uma Junta Consultiva e o primeiro número do Boletim da Escola Moderna foi publicado em 30 de outubro de 1901, neste existiam os termos gerais que fundamentavam a Escola Moderna.

A proposta educacional da Escola Moderna deveria ser racional, completa e harmoniosa de modo que desenvolvesse a formação da inteligência e do caráter e a preparação de uma pessoa física e moralmente equilibrada. Para Ferrer y Guardia, o homem é um ser complexo, pois conjuga coração, inteligência e vontade, por isso não podemos habituar as crianças a obedecer, a crer e a pensar, segundo as diretrizes da pedagogia tradicional.

De acordo com este pensador, a criança nasce sem idéias preconcebidas. Apreende ao longo de sua vida todos os princípios e valores, por isso se educamos uma criança com noções positivas e verdadeiras, baseadas na experiência e na demonstração racional, ela ficará preparada para qualquer tipo de estudo.

No Programa da Escola Moderna revela que a meta é fazer com que as crianças tornem-se pessoas instruídas, verdadeiras, justas e livres. Para tal o ensino deve estar baseado nas ciências naturais. Estimula as atitudes próprias de cada aluno, para que com seu valor individual, cada aluno seja um membro útil da sociedade. Busca preparar uma humanidade fraternal, sem distinção de sexos. A escola aceitava crianças a partir de cinco anos. No Programa da Escola Moderna, havia a proposta para abrir aos domingos, no intuito de oferecer aulas de história geral, ciências, artes e discutir as lutas pelo progresso. Estas aulas poderiam ser freqüentadas pelas famílias dos alunos, pelas pessoas da comunidade próxima a escola ou a quem se dispusesse assisti-las.

A escola estava instalada com boas condições de higiene e os alunos teriam inspeção médica ao ingressar na mesma, para evitar propagação de enfermidades contagiosas. Uma das metas da escola era proporcionar os conhecimentos de caráter científico, a partir de métodos pedagógicos progressistas, por isso a lição de coisas substituiria a lição de palavras, além disso existiam instalações para as aulas práticas de ciências.

Ferrer y Guardia considerava que a ciência é um patrimônio de todos, porque ela permitia dissipar erros e capacitava os homens para que conhecessem efetivamente os objetos. Por isso, o ensino na Escola Moderna deve estar fundamentado nas ciências naturais. Nesta proposta educacional as ciências naturais deveriam ser ensinadas a partir de experiências e de demonstrações racionais, de modo que o aluno pudesse desenvolver o espírito dedutivo e observador. Na Escola Moderna a aprendizagem prática era bastante relevante.

Outro aspecto interessante que aparece nessa escola é a utilização de jogos, um recurso pedagógico capaz de despertar no aluno a imaginação e o sentido social, pois auxiliava de

maneira significativa na construção de valores como: tolerância, a solidariedade e a aceitação do outro.

Nos primórdios da educação as crianças deveriam ser guiadas na direção do conhecimento racional, pois na primeira infância a vida é receptiva. O professor deveria semear as idéias para que mais tarde elas frutificassem. A ciência não impedia o conhecimento, mas o impulsionava e conferia realidade às coisas.

Ferrer y Guardia considerava o homem um ser um complexo, ou seja, um ser que conjugava coração, inteligência e vontade. Outro aspecto fundamental de sua proposta educacional era a coeducação de meninos e meninas. Mas como a questão da coeducação não era acatada na Espanha, Ferrer y Guardia não alardeou seus propósitos na proposta de sua escola, quando uma pessoa vinha matricular um menino, ele perguntava se tinha uma menina em casa, incentivando a matriculá-la. Foi, assim, que na sua escola foram matriculados uma quantidade significativa de meninos e meninas.

Ele considerou significativa a convivência de meninos e meninas, porque a natureza, a história e a filosofia ensinam que a mulher e o homem são seres humanos iguais. O ensino misto está presente em todos os povos cultos, por isso as crianças de ambos os sexos devem ter uma educação idêntica; uma educação que desenvolva a inteligência, purifique o coração e tempere suas vontades. Homens e mulheres se complementam. A mulher é a companheira do homem. Questiona a hipocrisia da igreja em relação ao papel do homem e da mulher. Na cultura patriarcal a mulher não tem autonomia, está sob o domínio do homem.

Outro aspecto interessante desta proposta de educação integral era a coeducação das classes sociais. Assim como pensou a coeducação dos sexos, Guardia concebeu também a coeducação das classes sociais. Acreditava que uma escola somente para meninos pobres não é uma escola racional, porque nessa escola corre-se o risco de cultivar o ódio. Porque se não lhes ensinasse a submissão e a credulidade, deveríamos lhes ensinar a rebeldia, o que acirraria o ódio. Esse é um dilema, porque não há um meio termo para uma escola de desertados. Este é um tema delicado. A Declaração revolucionária diz: “os homens nascem e permanecem livres e iguais em direitos”, assim não pode haver diferenças sociais, se elas existem, ou seja, uns dominam os outros, então é racional e natural a rebeldia. “Os explorados têm que ser rebeldes, porque têm que reclamar os seus direitos até atingir sua completa e perfeita participação no patrimônio universal” (Guardia, 1912, p.35).

Para Ferrer y Guardia, uma escola para meninos ricos não seria racional, porque cultivaria o privilégio. “A coeducação de pobres e ricos, que põe em contato uns com os outros na inocente igualdade da infância, por meio da sistemática da igualdade da escola racional, essa é a escola, boa, necessária e reparadora” (Guardia, 1912, p.36). Assim, Ferrer y Guardia buscava instaurar um novo tipo de ambiente escolar que trabalhasse com a diferença e a heterogeneidade.

A educação praticada na Escola Moderna deveria formar homens capazes de se transformar e se renovar continuamente. Acreditava que o principal aspecto da educação plena e integral era possibilitar a todos explicações racionais para combater os falsos valores que existiam na sociedade.

Ferrer y Guardia acreditava que a educação racional libertária seria um instrumento de emancipação e propagação das idéias libertárias diante do adestramento feito pelo ensino orientado pelas diretrizes da pedagogia tradicional. É necessário destacar que o movimento iniciado por ele teve importantes desdobramentos na Espanha, pois o movimento das escolas racionalistas foi até o final da Guerra Civil espanhola em 1936. Mesmo depois de sua morte em 1909, o movimento anarquista deu prosseguimento a implementação de escolas racionais libertárias. Puig Elias, um dos discípulos de Ferrer y Guardia tornou presidente do Conselho da Escola Nova Unificada (CENU), uma entidade que defendia os princípios de novas propostas educativas, inclusive a da escola racionalista libertária de Ferrer y Guardia. O CENU conseguiu aumentar, em 1936, de 34.000 para 116.000 as crianças escolarizadas na cidade de Barcelona e nomeou em seis meses cinco mil professores (Safón, 2003).

Segundo Ramon Safón,

É irrefutável que a Escola Moderna de Ferrer inscreve-se num vasto movimento educacional e de vulgarização dos conhecimentos que a Espanha progressista e popular, havia muito, e particularmente ao final do século XIX e começo do século XX, desencadeava. (Safon, 2003, p.60)

Considerações Finais

Consideramos que Bakunin, Paul Robin e Ferrer y Guardia defendiam um novo tipo de educação e os métodos ativos, com a finalidade de preparar os estudantes para o trabalho e também incentivar a militância. Respeitavam a liberdade da criança, sua espontaneidade, as características de sua personalidade, sua independência, seu juízo e

espírito crítico. Essas propostas educacionais iniciaram a discussão sobre a educação integral.

Podemos perceber que os intelectuais da pedagogia libertária buscavam instaurar uma nova mentalidade no processo educacional, incorporando as discussões epistemológicas do século XIX e travando a luta contra a desigualdade e pela emancipação do homem. Defendiam uma educação que buscava a transformação.

Consideraram que para enfrentar o processo de dominação seria preciso criar instituições escolares que desenvolvessem uma proposta que possibilitasse a formação plena do homem, a partir de uma nova mentalidade. Na verdade, era preciso instaurar uma visão de mundo baseada em valores tais como: solidariedade, cooperação, igualdade e liberdade. Com essa intenção criaram suas escolas, com a intenção de começar um processo de combate a visão subalterna de mundo e proporcionar uma visão de mundo racional e crítica para desenvolver uma sociedade libertária.

Esses intelectuais tinham como meta a formação de uma nova consciência e de vontades libertárias. Podemos afirmar que eles consideraram educação racional como um instrumento fundamental para lutar contra o autoritarismo, a opressão e a exploração.

Referências Bibliográficas

- BAKUNIN, Mikhail. A Educação Integral. In: MORIYÓN, Félix Garcia (org.). **Educação Libertária**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.
- BAKUNIN, Mikhail. **A instrução integral**. São Paulo: Imaginário, 2003.
- BOLETIM DA ESCOLA MODERNA. Barcelona, 30 de outubro de 1901, n.1.
- DOMMANGET, M. **Los grandes socialistas y la educación**: de Platon a Lenin. Madrid: Fragua, 1978.
- FERRER Y GUARDIA, Francisco. **La Escuela Moderna** - póstuma explicación y alcance de la enseñanza racionalista. Barcelona: Ediciones Solidaridad, 1912.
- MORIYÓN, Félix Garcia. **Del socialismo utópico al anarquismo**. Madrid: Cincel, 1985.
- MORIYÓN, Félix Garcia (org.). **Educação Libertária**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.
- ROBIN, Paul. Manifiesto a los partidários de la Educacion Integral. Barcelona: Pequena Biblioteca Clamvs Scriptorivs, 1981.
- TRAGTENBERG, Maurício. Francisco Ferrer e a Pedagogia Libertária. In: TRAGTENBERG, Maurício. **Sobre a educação, política e sindicalismo**. São Paulo: Autores Associados/Cortez, 1990.
- WOODCOCK, George. **História das Idéias e Movimentos Anarquistas**. Porto Alegre: L&PM, 2002. v. I e II